

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

ARTES VISUAIS - BACHARELADO

SIDNEI SCHWANCK DE CANDIA

A CERÂMICA NO PROCESSO DE FAZER ARTE

CRICIÚMA, JUNHO DE 2011

SIDNEI SCHWANCK DE CANDIA

A CERÂMICA NO PROCESSO DE FAZER ARTE

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de bacharelado no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof^a Jussara Miranda Guimarães
(in memorian)

Co – Orientadora: Prof^a Edina Regina Baumer

CRICIÚMA, JUNHO DE 2011

SIDNEI SCHWANCK DE CANDIA

A CERÂMICA NO PROCESSO DE FAZER ARTE

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas: Criação, fazer e linguagens. Tecnologias, elementos e processos de criação, reflexão e poéticas das Artes Visuais do Curso de Artes Visuais da Unesc.

Criciúma, junho de 2011

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Edina Regina Baumer - Mestre - (UNESC) – Co-orientadora

Prof.^a Amalhene Baesso Reddig - Mestre - (UNESC)

Prof. Daniel Valentin Vieira – Especialista – (SATC)

Aos meus pais,
Maria Schwanck de Candia e João Batista de Candia;
só é possível realizar um trabalho, quando alguém esta torcendo pela gente!

AGRADECIMENTOS

Lembro ainda a primeira série. O meu primeiro caderninho de vinte páginas com a capa quadriculada marrom, que ao tirar da pasta de pano feito pela minha mãe trazia junto o cheiro da merenda enrolada em um guardanapo de tecido azul, também quadriculado, que ao chegar à escola, antes da oração, eu arrumava em minha carteira. Aquele mesmo Deus, a quem eu orava pedindo pelo meu dia, pelos meus colegas, pelos meus pais, é o mesmo Deus que me ajudou muito a chegar aqui hoje, com determinação e coragem de encarar a vida. Obrigado Senhor pelo caminho que Você me fez trilhar. Obrigado pela experiência da vida, pelo presente da Universidade conseguida pela bolsa de estudos do PROUNI. Obrigado ao Deus Pai, ao Filho Jesus e ao Espírito Santo!

Aos meus pais, que embora na dúvida de minhas escolhas estiveram sempre ao meu lado, em oração, em auxílio a todas as minhas necessidades, materiais e financeiras e em todas as minhas caminhadas. Não vejo amiga maior que não seja a minha grande mãe. Maria, assim ela se chama, que biblicamente era aquela que intercedia junto a Deus. Assim, a minha Maria fazia e faz ao meu favor, pois quando não podia me ter por perto, acredito que sua intercessão junto a Deus, me dava forças em minha caminhada, e que será assim para sempre. Obrigado!

Ao meu pai João, que carrega em si o dom de um verdadeiro ser humano, rico em bondade e companheirismo, me ensinou com seu exemplo e sua honestidade, a buscar com o próprio esforço o pão de cada dia. Obrigado!

À minha irmã Janete, que com seus conselhos me fazia ter os pés no chão e que em parte de nossas vidas partilhamos a irmandade de forma a aprendermos um com outro, e que hoje a tenho como uma peça chave na minha formação. Obrigado!

À minha sobrinha Maria Ester, *luz de minha vida*, que me ensinou e me mostra a cada dia o que é o amor puro e a importância do amor próprio, e que me dá esperanças para um futuro melhor. Obrigado. À minha sobrinha Joice sempre oferecendo sua ajuda, e que ajuda ela me deu! Grande amiga acima de tudo. À minha sobrinha Janaína que me deu, algumas vezes, a oportunidade de fazer trabalhos referentes ao que eu tinha aprendido na faculdade. Companheira, e a certeza de contar com ela em muitos momentos. “Amigona” também, te amo!

Obrigado!

À minha cunhada Eroni, que no tempo de formação no segundo grau abriu os meus olhos para a vida, no sentido de eu buscar ver as coisas de forma mais positiva, e hoje reconheço que suas críticas construtivas não foram em vão, me ajudaram a crer que também faço parte deste universo e que posso chegar onde eu quiser, bastando eu ter a coragem de ser quem eu sou. Obrigado!

À minha irmã Sirlei, presente no momento importante que foi o início da faculdade, abrindo mão de seu tempo e de seu carro para me trazer a esta cidade. Com seu apoio também pude contar, sempre solícita nos momentos de aperto em minha vida. Enfim, a todos os meus irmãos, Roque, Sirlei, Vando, Salete, Rudi, Janete, Lucimar, que de um modo ou outro contribuíram na minha formação. Obrigado!

Aos meus amigos, André Oliveira, Geraldo Real, João Batista, pelo incentivo, pelas palavras de ânimo, que buscando minha formação em outra cidade, não deixaram de lado nossa amizade, tão importante no sentido de saber que se não desse certo aqui, em Criciúma, uma porta estaria aberta em Caxias do Sul. Obrigado!

Aos meus professores de graduação do curso de Artes Visuais, em especial pela grande colaboração da professora Édina, dispensando seu tempo em meu favor, sendo minha co-orientadora durante o processo de pesquisa. Obrigado!

À minha querida Orientadora do TCC, Jussara Guimarães, pois nem todas as palavras podem descrever o meu sentimento de gratidão. Jussara foi dedicada, paciente, gentil, inteligente, amiga, uma grande profissional. Foi uma grande Mãe durante todo o processo do TCC e na execução da minha obra. Tendo partido para casa do Pai (+19/05/2011), deixou a certeza de que seus ensinamentos se perpetuarão em mim, como aprendiz, de uma grande mestre, para sempre! MUITO OBRIGADO JUSSARA! A seu esposo, Vilmar, que gentilmente dispensou seu tempo na continuidade da orientação das obras. Obrigado Vilmar!

A todos que estiveram ao meu lado nas horas que chorei e nas horas que sorri nas horas que me lamentei e nas horas que demonstrei total alegria. Agradecer pelo sorriso, agradecer de peito aberto, de alma explosiva. Todos vocês fizeram, fazem e farão sempre parte da minha história!

“A arte é a contemplação: é o prazer do espírito
que penetra a natureza e descobre que ela
também tem uma alma. É a missão mais
sublime do homem, pois é o exercício do
pensamento, que busca compreender o universo
e fazer com que os outros o compreenda

Auguste Rodin

RESUMO

A pesquisa realizada partiu de um questionamento feito na produção de um trabalho na disciplina de Cerâmica Artesanal II, servindo assim para a questão norteadora deste trabalho, com o seguinte problema: *Um trabalho artesanal em cerâmica poderá vir a ser arte?* Tendo como objetivo aprofundar os conhecimentos entre a arte e o artesanato, e a descoberta de como um trabalho artesanal poder vir a ser uma arte, esta pesquisa de cunho qualitativo, também se reflete na obra artística, apresentado no final do curso de Artes Visuais. Neste sentido, as definições encontradas na pesquisa tendem a trazer esclarecimentos sobre os conceitos entre o artista e artesão, arte e artesanato. A pesquisa realizada no primeiro semestre de 2011, apresenta diálogos com autores como Read (1981), Ostrower (1985), Cotrim (1997), Proença (1997), entre outros, nos levando a refletir sobre a transformação do artesanato em arte. E como todo processo criativo, o meu trabalho em cerâmica consiste de uma intervenção, ou seja, da extrusão da argila feita na olaria de tijolos, faço uso de um bloco e neste bloco acrescento signos, desenhos e materiais alternativos e textura, como forma de representar a cerâmica no curso histórico da arte. Assim, também, como forma de representar o artesanato, como resultado criativo, apresentei um vaso em cerâmica, com detalhes artesanais. Os dois trabalhos desenvolvidos tiveram como local de execução o ateliê Pachamama da Professora Jussara Guimarães. Mesmo com técnicas revolucionárias, a arte na cerâmica perpetua com suas técnicas, seu modo de criação, servindo como utilitária ou decorativa, ainda que aprimoradas. Enfim, como conclusão desta pesquisa, podemos afirmar que a partir das técnicas artesanais, podemos ter como resultado uma produção artística.

Palavras-chave: Cerâmica. Arte. Artesanato.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Escola de Arte "Bauhaus" – 1919	17
Figura 2 e 3 – Produção de Telas	20
Figura 4 e 5 - Tela com materiais alternativos.....	20
Figura 6 - Tempos Modernos - Charles Chaplin 1936.....	23
Figura 7 – Francis Picábria	24
Figura 8 e 9 - Prato e Moringa - Cerâmica Marajoara.....	28
Figura 10 e 11 - Cerâmica Saramenha - Século XVIII.....	29
Figura 12 – Produção em Arte -	34
Figura 13 - Produção em Arte –	34
Figura 14 e 15 - Produção em Arte -.....	35
Figura 16 - Produção em Arte –	35
Figura 17 e 18 – Produção final em artesanato –.....	37
Figura 19 – Anjo Construtor (anexo).....	45

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

ANFACER – Associação Nacional dos Fabricantes de Cerâmica para Revestimento

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

GLP – Gás Liquefeito de Petróleo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 A ARTE E O ARTESANATO	14
2.1 Artista e Artesão	16
3. OS PROCESSOS DE CRIAÇÃO NA ARTE	19
4 REVOLUÇÃO INDUSTRIAL E A PRODUÇÃO DE ARTE	23
5 A CERÂMICA NO PROCESSO DE FAZER ARTE	26
5.1 A cerâmica no território brasileiro	27
5.2 Processo de produção - Queima	Erro! Indicador não definido.
6 A LINGUAGEM DA ARTE E NA ARTE DA CERÂMICA	32
7 PRODUÇÃO ARTISTICA E ARTESANAL	34
CONCLUSÃO	38
BIBLIOGRAFIA	40
ANEXO	41

1 INTRODUÇÃO

Cada um de nós carrega dentro de si maneiras que costumamos usar para entender as coisas. No meu caso, acho de extrema importância buscar nas origens dos fatos históricos a compreensão para entender o presente. Com relação aos conceitos de arte, artesanato, artesão e artista, essa compreensão pode ser uma forma de entender como uma obra realizada por mãos de artesãos pode vir a ser considerada uma obra de arte.

Esta pesquisa em arte com o título: *A cerâmica no processo do fazer arte*, se insere na linha de pesquisa Processos e Poéticas: Criação, fazer e linguagens. Tecnologias, elementos e processos de criação, reflexão e poéticas das Artes Visuais do Curso de Artes Visuais da UNESCO. Tem como objetivo verificar a relação existente entre o fazer a escultura artesanal identificando as possibilidades de mesma vir a ser uma obra de arte. O conhecimento científico proporciona ao estudante acadêmico a possibilidade de saber discernir com mais clareza uma obra de arte. No meu caso, algumas dúvidas surgiram no estudo entre as disciplinas de Estética e Escultura no curso de Artes Visuais da UNESCO. O contato com a argila, a forma de fazer uma escultura e o processo da cerâmica me fizeram buscar os conceitos entre a arte e o artesanato.

Na disciplina de escultura, na produção de uma peça, procurei apresentar com simetria um anjo, criando outro anjo (figura 19), de forma abstrata. O meu trabalho seria considerado arte ou artesanato? Foi a questão que provocou dúvidas durante o processo universitário; o que poderia vir a ser uma obra de arte? Sendo assim, este foi o motivo para a escolha do tema de pesquisa. Uma obra feita por um artesão poderá vir a ser uma obra de arte? Como se dá este processo? E entender os conceitos de arte e artesanato, artesão e artista, pode ser um caminho para desvendar a dúvida.

A cerâmica está presente na vida do homem desde o início de sua evolução. Ela apareceu quase ao mesmo tempo em que o fogo, antes, porém, a matéria prima (argila) era extraída da terra, modelado e seco ao sol e ao vento. A cerâmica era uma arte criada para servir o homem. Por meio de escavações arqueológicas, podemos perceber que a cultura de um povo pode ser identificada

por essas marcas deixadas no tempo através dos vestígios da cerâmica.

Neste sentido, este trabalho tem por objetivo buscar a compreensão do conceito de arte e artesanato por meio do processo da cerâmica, concordando com Read (1978), que a cerâmica é a mais simples e a mais difícil entre algumas técnicas de artes. A mais simples técnica por ser a mais fácil de criar ou manusear até mesmo pela abundância do produto natural; e a mais difícil das técnicas por ser a mais abstrata das artes, pois requer aprimoramentos para atingir o objetivo final. A cerâmica foi evoluindo e se faz presente ainda hoje nos diversos aspectos culturais das sociedades.

É uma pesquisa bibliográfica (pesquisa qualitativa), no que tange a área da cerâmica, seu histórico, ferramentas e conceitos, objetivando ampliar os dados para a pesquisa posterior buscando uma delimitação significativa do tema. O título da pesquisa em questão propõe levar o leitor a uma área específica da arte da cerâmica, para compreender o objetivo de se criar uma obra de arte, como sua percepção, onde através de uma experiência é que se produz uma obra de arte.

Descobrir os caminhos que a vida nos revela pode ser uma tarefa um tanto árdua, mas compensadora. Falo isso no sentido das descobertas feitas pelos esforços na busca de uma resposta. E este trabalho de conclusão representa exatamente isso. No curso de Artes Visuais - bacharelado, que tem em sua grade curricular final a produção de uma obra, apresento uma obra que trás a relação entre a produção e a pesquisa.

Assim vou desenvolvendo diálogos com autores, tais como Read (1981), Nunes (1989), Ostrower (1985), Proença (1997), Coli (1990), entre outros, abrindo portas e desvendando dúvidas relativas ao tema proposto. Minha pesquisa começa apresentando conceitos de arte e artesanato, buscando a compreensão dentro deste tema e a dicotomia entre artista e artesão. O homem vai escrevendo sua história paralelamente à cerâmica, cujos rastros deixados servem para confirmar o percurso da cerâmica junto ao desenvolvimento da humanidade.

Como marco na história da arte, a Revolução Industrial deixa sua marca com conseqüências tecnológicas vistas de forma positiva, entre outros fatores, a fabricação de componentes espaciais, porém, visto como vilã quando o assunto é criatividade artística.

Nesse sentido, o fazer artístico, a fluência de ideias, a inspiração para a

produção, as formas, a linguagem da cerâmica, e o processo da queima, são discutidos e apresentados no decorrer do texto, culminando na descrição das obras, artística e artesanal.

2 A ARTE E O ARTESANATO

As definições de arte são apresentadas por alguns autores com uma dificuldade na sua formulação, pelo amplo campo da própria arte. Segundo o dicionário Aurélio (2004), arte é a “capacidade humana de criação e sua utilização com vistas a certos resultados, obtido por diferentes meios”. Mas para a opinião popular, a arte antiga, a arte popular, a arte figurativa, a arte abstrata; tudo é arte? Uma grande confusão. Assim o homem foi criando sua história, pela arte. No mundo atual, vemos que a função da arte e o seu valor não estão no copiar, mas sim na representação simbólica das fontes naturais que rodeiam o homem. Mas afirmar o que realmente é a arte na vida do homem não parece ser tarefa fácil. Segundo Coli (1990), “dizer o que é arte é coisa difícil. As respostas são divergentes, contraditórias, e nem sempre eficaz na sua compreensão”. Ainda seguindo sua linha de pensamento, mais adiante Coli (1990) conclui seu pensamento dizendo:

Arte são certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo, isto é, nossa cultura possui uma noção que domina solidamente algumas de suas atividades e as privilegia. Portanto, podemos ficar tranquilos: se não conseguimos saber o que a arte é, pelo menos sabemos quais coisas corresponde a essa idéia e como devemos nos comportar diante dela.” (COLI, 1990, p. 07).

A arte se apresenta muitas vezes diferente do conceitual mas que o resultado visual seja significativo, não significa que também não possa ser chamado de arte, sobre isso Canclini (1997) assim argumenta:

O que chamamos arte não é apenas aquilo que culmina em grandes obras, mas um *espaço* onde a sociedade realiza sua produção visual. É nesse sentido amplo que o trabalho artístico, sua circulação e seu consumo configuram um lugar apropriado para compreender as classificações segundo as quais se organiza o social. (CANCLINI, 1997, p. 246).

Mas o conceito de arte não nasceu em nosso século. Entre os filósofos na Grécia antiga, muito se discutia a respeito do Belo, principalmente. E foi então que o Belo se tornou sinônimo de pureza, de bem estar, fazendo parte de simetrias agradáveis aos olhos, enfim, que apresentasse qualidade, com toda espécie de relação harmoniosa. Segundo Nunes (1989, p.18), “Belo é o que agrada ver e ouvir”. Neste sentido a arte estaria através da estética relacionada ao Belo. Tudo quanto é

perfeito pode ser considerado belo, ou seja, arte é belo! Tais afirmações são mencionadas por Nunes (1989):

Quanto à natureza, a arte como imitação do real, reproduz as aparências e representa os aspectos essenciais das coisas. As condições necessárias da existência da arte, decorrem de seus fundamentos estéticos, que são os elementos sensíveis, organizados e dispostos de acordo com princípios formais. Ela assenta, portanto, naquilo que chamamos beleza estética: o equilíbrio e a simetria, o respeito às proporções, etc. O valor da arte é aferido pelos efeitos que ela produz, efeitos esses que dependem da qualidade do que ela representa. (NUNES, 1989, p. 21)

Mas se a arte é a expressão do belo, então podemos considerar que a arte no transcorrer da história é apenas o que agrada os sentidos? Segundo Victorino (www.pitoresco.com.br), grandes movimentos artísticos surgiram pela inconformidade dos artistas, em contradizer a arte do seu tempo. Como exemplo bastante rebuscado, o movimento Dadaísta (1915), prova que a inconformidade dos fatos e da realidade da sua época, fez surgir uma arte aparentemente protestante. Uma arte que surgiu para contradizer a própria arte. Também não é a toa que os nomes dados aos movimentos artísticos assim os tem. Explica Victorino que o Maneirismo tem este nome, que lembra manias, por se opor ao Renascimento; o Fauvismo considerada uma arte mais selvagem, pela expressão nas cores, ou Surrealismo que tentava fugir da mesmice da realidade absoluta, e que foram algumas iniciativas artísticas que tiveram de enfrentar a resistência do continuísmo, para se impor como arte pura. Provaram que não eram apenas diferentes, mas algo de concreto e marcaram sua presença na História da Arte.

Durante o tempo cronológico da história da arte, sem perceber, o artista foi escrevendo a história pela divulgação das suas ideias, como afirma Aranha (1992):

Em primeiro lugar, deixemos de lado essas divisões da arte e pensemos um pouco sobre arte como forma de o homem marcar sua presença, criando objetos (quadros, filmes, músicas, esculturas, vídeos etc.) que oferecem uma interpretação do mundo tanto quanto uma frase. Só que em vez de dizer as coisas são assim, ele mostra, através da sua criação, que as coisas podem ser assim. Esta, então, é uma das primeiras características da arte: o objeto artístico fala à nossa imaginação, deixa ver/ouvir/sentir o que poderia ser. E, desse ponto de vista, não existe arte verdadeira e arte falsa. Não existe mentira em arte. Porque a arte não existe para mostrar a realidade como ela é, mas como pode ser. (ARANHA, 1992, p.188)

Nessa direção começamos a pensar no conceito de artesanato. Neto (2000) enfatiza que enquanto a arte vem pela sensibilidade e pela expressão do

artista sendo que sua obra final é capaz de questionar o admirador, o artesanato existe pela finalidade de enfeitar, de trazer conforto físico, e como o artesão repete padrões, sabe exatamente como será o produto final pela repetição das peças, onde perde sua graça como arte, embora não perca seu valor enquanto artesanato. Pois arte é a expressão íntima e única do artista e o artesanato é a cópia entre o produzir e o recriar. Segundo Neto (2000) o artesanato apresenta trabalhos mais livres, mais espontâneos, surgem do acaso ou não, enquanto que na arte, existe a crítica acadêmica, surgem de uma pesquisa mais intelectual e que podemos compreender como artesanato toda a atividade produtiva de objetos e artefatos realizados manualmente ou com a utilização de meios tradicionais ou rudimentares, com habilidade, destreza, apuro técnico, engenho e arte.

Andrade (1938) descreve as funções de arte e o artesanato em suas técnicas:

O artesanato é uma parte da técnica da arte, a mais desprezada infelizmente, mas a técnica da arte não se resume no artesanato. O artesanato é a parte da técnica que se pode ensinar mas há uma parte da técnica de arte que é por assim dizer, a objetivação, a concretização de uma verdade interior do artista. Esta parte da técnica obedece segredos, caprichos imperativos do ser subjetivo, em tudo o que ele é, como indivíduo e como ser social. Isto não se ensina e reproduzir é imitação. (ANDRADE, 1938, p.16)

2.1 Artista e Artesão

A sensibilidade pela arte está presente, de qualquer forma e de formas diferentes em cada um. Para uns, pode ser mais transparente, para outros mais timidamente ela se apresenta. Quando vimos alguém fazendo arte, podemos até dizer que ele realmente vive a arte, que possui uma relação íntima com certos materiais, e que facilmente o identificamos como artista. De outros, ouvimos falar até mesmo em autodidata.

Andrade (1938, p. 2), porém afirma que “arte não se aprende”. Existindo dentro da arte a ação sobre o material para que haja uma transformação em obra de arte.

Mas também vemos muitas pessoas que buscam na arte o modo de sobrevivência. Assim, podemos até questionar muitas vezes, qual o papel do artista

e o papel do artesão na sociedade. Segundo Andrade (1938), todo artista tem que ser um pouco artesão e sempre, por detrás do artista, encontramos um artesão.

Nesse sentido, mencionar a escola de Bauhaus, criada em 1919, com suas origens na fusão entre a Academia de Artes e a Escola de Artes e Ofícios da Alemanha, pelo arquiteto Walter Gropius, e que pode nos ajudar a compreender a dicotomia entre artista e artesão. Segundo Dempsey (2003), a escola tinha por objetivo, nas palavras proferidas por Gropius.

Criar uma nova guilda de artesãos, sem a distinção de classes que ergue uma barreira entre artistas e artesãos! A escola de Bauhaus, tinha por uma intenção, formar artistas, designers e arquitetos, mais responsáveis socialmente, visando também progresso da nação, e que após a formação dos alunos no curso preliminar, os estudantes passariam a freqüentar oficinas, tendo aulas com artistas e artesãos. (DEMPSEY, 2003, p. 130)

Dempsey argumenta ainda que, a arte havia se fundido com o artesanato, mas não com a indústria. Após a escola sofrer muitas críticas com relação ao próprio conceito que a escola tinha, em que alguns professores tinham um discurso de um conceito da arte separada do mundo exterior, o artista, teria que se transformar de “visionário místico e expressionista, a engenheiro técnico construtivista”. (DEMPSEY, 2003, p. 132).



Ilustração 2 - Escola de Arte "Bauhaus" – 1919- Fonte: www.wikipédia.com.br

A difícil associação dos novos conceitos proposta pela escola mexeu com o mundo dos artistas e artesãos. Grandes nomes de artistas passaram por esta escola, entre eles, Kandinski. A Bauhaus fortaleceu o Desenho Industrial (móveis, luminárias, pesquisas de tecido, artes gráficas). Definiu um estilo para seus produtos, cujos protótipos saíam de suas oficinas para a execução em série na indústria, explica Dempsey (2003). Os objetos produzidos pela indústria deveriam

ter as características de Engenharia e Arte, beleza e funcionalidade, dentro do compromisso Arte/Sociedade de convocar a participação do trabalho do artista para construir uma arte com estilo, com o intuito de humanizar o novo ambiente comprometido com a máquina¹. Um sonho logo absorvido pela sociedade capitalista e transformado em dispositivo para acionar a competição e o consumo.

¹ Máquina como significado da relação com a Revolução Industrial e a integração da sociedade com os novos conceitos modernos da indústria.

3. OS PROCESSOS DE CRIAÇÃO NA ARTE

Todo artista busca uma forma de representar a arte através de sua técnica. Ele busca, através de seu alcance da visão, a sua fonte de inspiração, mesmo que esta fonte seja indireta, algo que esteja gravado em sua retina, em seus pensamentos, onde por instantes, *insights* tomam conta de sua mente, e naturalmente vão surgindo imagens influenciados pela sua carga cultural.

Alguns autores de arte afirmam que só podemos criar algo novo à medida que deixarmos de lado toda a técnica que usamos e passarmos a buscar novas técnicas, caso contrário estaríamos apenas recriando algo existente.

É muito importante ter uma relação mais íntima sobre tal assunto ao desenvolver uma ideia. Salles (2004) traz uma reflexão deste processo criativo:

O processo criativo é palco de uma relação densa entre o artista e o meio por ele selecionado, que envolve resistência, flexibilidade e domínio. Isso significa uma troca recíproca de influências. Este diálogo entre artista e matéria exige uma negociação que assume a forma de obediência criadora. (SALLES, 2004, p 72).

Um dos aspectos que podem influenciar, e muito, no ato de sua criação, está relacionado ao acaso. Ostrower (1985) levanta uma questão intrigante, quando ao longo de suas conclusões vai deixando transparecer que o acaso está presente neste processo. Segundo ela, o mundo que nos rodeia está repleto de possibilidades, onde podemos mexer aqui ou ali para recriar um novo processo:

A cada instante nos chegam incontáveis estímulos de toda sorte: visuais, acústicos, táteis, olfativos, cinéticos, em sensações e situações das mais diversas. Seria humanamente impossível captar a totalidade dos eventos. De fato, permanecemos indiferentes à vasta maioria – nem chegamos a percebê-los, conscientemente e não lhes prestamos atenção. Registramos alguns apenas. Estes poderão tornar-se acasos. (OSTROWER, 1995, p. 2)

Como tudo pode estar relacionado ao nosso meio pelo processo de criação, menciono uma experiência vivida, que comprova que uma ideia surgida na criação de um dos meus trabalhos, foi influenciado pelo acaso. Uma tela que precisava ser feita e a ideia estava vaga demais.

A busca e a angústia tomavam meu ser enquanto o tempo passava. Em revistas, principalmente, e nas anotações e orientações dadas pela professora de artes, as ideias não se relacionavam com o proposta da criação. Mas ao abrir a

gaveta de minha escrivaninha, deparei com um desenho criado por um amigo.

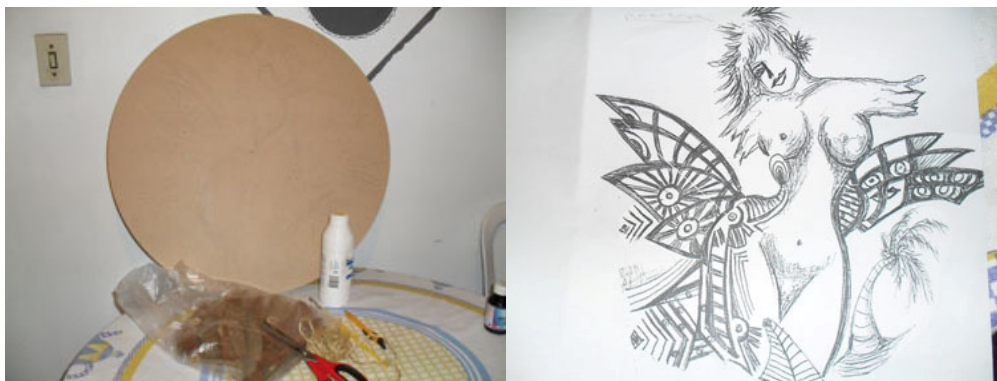


Ilustração 2 e 3 –tela e desenho usado na criação

Esse desenho tão cheio de detalhes, de linhas, tinha um caminho que pudesse me levar a uma técnica utilizada pelo Artista plástico *Vik Muniz*².



Ilustração 4 e 5 - tela com materias a partir do desenho anterior.

Nesse sentido, acredito que o acaso passou bem perto de mim. Este processo, veio por inspiração no acaso do encontro com aquele desenho. As ideias fluíram no momento que pude trazer presente as experiências vividas com materiais artísticos no passado, conhecidos e manuseados durante outros processos de criação. De acordo com Ostrower (1985, p. 07), “a fonte da criatividade artística , assim como de qualquer experiência criativa, é o próprio viver. Todos os conteúdos expressivos na arte, quer sejam de obras figurativas ou abstratas, são conteúdos

² Vicente José de Oliveira Muniz (São Paulo, 20 de dezembro de 1961) mais conhecido como Vik Muniz, é um artista plástico brasileiro radicado em Nova York, que faz experimentos com novas mídias e materiais.

essencialmente vivenciais e existenciais”.

Um outro modo de criação seria pelo processo da busca. A inspiração estaria ligada ao estilo do artista, que se revela em inúmeras possibilidades intuitivas. Ao começar uma obra, se deixaria levar pelos traços, onde mais tarde poderia decidir, *aqui preciso mudar a cor, ali tem que levantar mais, ali um vazio maior*. Basta o artista agir. Mesmo assim, criar envolve decisões, escolhas, avaliações, trazidas no íntimo do artista, guiado pelo seu intuito.

Outro ponto relevante está na relação entre criatividade e criação. Podemos perceber que ser criativo está no potencial de cada um e a criação está na escolha. Segundo Calvino (apud Salles, 2004, p. 25) “discutir arte sob o ponto de vista de seu movimento criador é acreditar que a obra consiste em uma cadeia infinita de agregação de idéias, isto é, de uma série de infinitas aproximações para atingi-las”.

O ser humano é capacitado de uma sensibilidade voltada para arte. Embora seja diferente a intensidade de cada um, permanecendo em aberto na sua formação a busca por uma sensibilidade maior. É aqui que entra o processo das experiências vividas de cada ser. O tempo e os meios onde se vive irão influenciar a sensibilidade diferenciando cada um em tarefas específicas, pela percepção.

O processo de criação pode estar conectado com meios físicos, psíquicos ou sonoros. É importante no ato da criação estar atento a todas as possibilidades de contato com sons, revistas, livros, músicas, esboços, filmes, e até mesmo anotações. Salles (2004, p. 87) descreve que essa “visão do movimento criador, como uma complexa rede de inferências, contrapõe-se como uma inexplicável revelação sem história, ou seja, uma descoberta espontânea, sem passado e futuro”.

O potencial criador não é outra coisa senão esta disponibilidade interior, esta plena entrega de si e a presença total naquilo que se faz (OSTROWER, 1984). A sensibilidade pode ser um exercício constante, onde nosso processo criativo deve estar sendo aguçado por uma percepção dos detalhes, pelos acontecimentos próximos a nós.

O ato da criação, segundo Ostrower (1985, p. 251), pode estar “relacionado ao despreendimento de conceitos errôneos, e quando estamos abertos a novas experiências e livres de preconceitos respeitando os limites da vida, ou seja, são condições internas, espirituais, que vai permitir ao indivíduo ser criativo ou não”.

Um fator importante para tornar um objeto de arte atraente, está na *forma* (*aparência*) que esse objeto está sendo apresentado. Assim ele poderá compor linhas harmoniosas.

Ostrower (1985, p. 54) descreve a forma como “modo de ser, feitio, aparência, configuração, disposição”. A ideia da forma sempre abrange um princípio organizador, estruturador, uma ordenação que se torna manifesta.

4 REVOLUÇÃO INDUSTRIAL E A PRODUÇÃO DE ARTE

Podemos dizer que o movimento de criação não está em igual situação na atual sociedade capitalista, onde a revolução industrial modificou a percepção, no qual o ato criativo foi abalado pelo apertar de botões, onde a busca de ideias foi substituído por matrizes feitas. A industrialização influenciou o quesito criativo quando interferiu no ato da criação artesanal pela substituição da repetição mecanizada em série.



Ilustração 6 - Tempos Modernos - Charles Chaplin – 1936
Fonte: www.astrocine.blogspot.com.br

Com a Revolução Industrial, na segunda metade do século XVIII surgiram na Europa as máquinas, que deram ao homem o vasto conhecimento da velocidade e possibilitaram a produção em série, permitindo ao homem fazer, em pouco tempo muitas cópias idênticas de um único produto criado. Pignatari (2004) descreve a influência da Revolução Industrial sobre a arte:

A Revolução Industrial, como não podia deixar de ser, abateu-se também sobre a arte e a arquitetura; do impacto nasceram a arte e a arquitetura chamadas “modernas”, com seu Chuveiro de ismos e movimentos diversos, uns propondo uma metaarte (neoplasticismo, desenho industrial), outros uma anti arte (Dada, Duchamp), até atingirmos a descaracterização da arte atual [...] e a chamada arquitetura “pós-moderna”. (PIGNATARI, 2004, p. 8)

A indústria trouxe grandes modificações a todos os campos da vida social e deu também à obra de arte um novo caráter, ela começa a ser produzida dentro do modo de produção capitalista industrial, em série e dirigida ao mercado, como comenta Ostrower (1985) sobre as mudanças causadas entre artistas e artesãos:

A vida sempre foi difícil para a maioria das pessoas. Contudo, havia uma

medida de integração do ser, que desde a revolução industrial, foi sendo mais e mais destruída. Antes as pessoas sabiam o que produziam e porque o produziam. Conheciam as matérias primas, as várias fases de transformação, de trabalho, e este conhecimento repercutia em todos os níveis intelectuais e emocionais de sua experiência existencial. Atualmente o trabalho consiste em apertar botões durante oito horas por dia, preencher formulários, ler gráficos. [...] e a pessoa não tem a mínima idéia do que significa sua atuação dentro de um processo maior. (OSTROWER, 1994, p. 249)

Proença (1997) descreve também a influência da Revolução Industrial sobre a arte, dando uma nova perspectiva :

A partir da Revolução Industrial, ficou estabelecido uma distinção nítida entre os objetos produzidos industrialmente e as obras de arte. Uma obra única, feita especialmente por um artista, era arte. Mas um objeto do qual existissem muitas cópias, produzidas por uma máquina, não poderia ser considerado como arte. Desse modo, por ser única, a obra de arte ganhou um espaço considerado sagrado e passou a ser cultuado de modo especial nos museus. Observamos então que houve, e ainda há, influência da indústria sobre a arte. À medida que a tecnologia invadiu os meios de produção, acabou provocando também o surgimento de novas formas artísticas nas quais foi ultrapassada a rígida separação entre objetos industrializados e obras de arte. A grande invenção da máquina, veio confirmar o que podemos dizer atualmente, que a sociedade sofreu uma grande transformação no modo de conceber a arte e se relacionar com ela. (PROENÇA, 1997, p. 185)

A primeira alteração que se pode apontar é que a obra de arte deixa de ser o resultado exclusivo do trabalho das mãos do artista e passa a ser feita dentro do modo capitalista, ou seja, uma arte produzida ao mercado.



Ilustração 7 – Francis Picabia criava mecanismos absurdos como crítica à mecanização do mundo moderno – 1916
Fonte: www.nationalgalleries.org

O artesanato e a manufatura passaram a ter um aspecto industrial. Segundo Cotrim (1997) antes da Revolução Industrial, o artesão tinha pleno controle

sob as diversas fases da produção, como em produzir alfinetes, por exemplo, tinha de executar sozinho todo o processo, desde o endireitar o arame, cortá-lo, afiar uma ponta, até o acabamento final. Na produção manufatureira, os trabalhadores que ainda não faziam o uso das máquinas, cada qual exercia uma função. Havia uma divisão de trabalho comandado por um gerente de produção. Na produção de alfinetes, por exemplo, um grupo endireitava o arame, outro grupo afiava as pontas e assim sucessivamente até ao acabamento.

De acordo com Cotrim (1997), as demais consequências gerais da Revolução Industrial podem ser assim sintetizadas: urbanização que cresceu rápido e intensa, aumento significativo das regiões industriais em relação às rurais; crescimento do comércio interno e internacional; modernização dos meios de transporte; crescimento demográfico; diferenciação social (classes).

5 A CERÂMICA NO PROCESSO DE FAZER ARTE

Entre algumas histórias da origem da cerâmica, o site da ³Anfacer, apresenta de forma clara e bastante concisa a história da cerâmica. Do grego “kéramos”, que significa “terra queimada”, ou “argila queimada”, a cerâmica se constitui de material muito resistente, prova disso que resiste ao tempo, encontrado em escavações arqueológicas. (www.anfacer.org.br)

Quando o homem pré-histórico deixou as cavernas, de sedentário a nômade, viu a necessidade de usar vasilhas para aparar água, alimentos colhidos e até mesmo guardar sementes. Essa percepção em descobrir a argila como produto resistente, se deu pelo contato direto com a natureza. A cerâmica é, portanto, uma atividade de produção de artefatos a partir da argila. Segundo o mesmo site (Anfacer),

No Japão as peças de cerâmica mais antigas conhecidas por arqueólogos foram encontradas na área ocupada pela cultura Jomon, há cerca de 8.000 anos, talvez mais. Antes do final do período Neolítico ou da PEDRA POLIDA, que compreendeu, aproximadamente, de 26.000 a.C. até por volta de 5.000 a.C. A habilidade na manufatura de peças de cerâmica deixou o Japão e, se espalhou pela Europa e Ásia, não existindo, entretanto, um consenso sobre como isto ocorreu. Nas tumbas dos faraós do Antigo Egito, vários vasos de cerâmica continham vinho, óleos e perfumes para fins religiosos. A maioria das culturas, desde seus primórdios, acabou por desenvolver estilos próprios que com o passar do tempo consolidavam tendências e evoluíam no aprimoramento artístico, a ponto de poder situar o estado cultural de uma civilização através do estudo dos artefatos cerâmicos que produziam. (www.anfacer.org.br)

Nas suas andanças pela expansão de territórios, o homem levava a técnica por onde passava, se apropriando de argila na confecção de peças conforme suas necessidades. A cerâmica para a construção e a cerâmica artística com características industriais só ocorreu na antiguidade em grandes centros comerciais. Após a Revolução Industrial é que a cerâmica ganha verdadeira valorização. É também utilizada na tecnologia de ponta, mais especificamente na fabricação de componentes de foguetes espaciais, justamente devido a sua durabilidade.

A argila por ser encontrada no ambiente natural, se torna de fácil acesso,

³ **Associação Nacional de Fabricantes de Cerâmica para Revestimento**, fundada em 1984, representa um setor composto por 94 empresas, que operam 117 plantas industriais, em 17 estados. Mais informações no site www.anfacer.com.br

tanto no seu manuseio, pela criatividade em torná-la um meio pelo qual possa vir e se tornar um objeto, ao mesmo tempo tão complexa que por mais que se abstraia dela formas e maneiras possíveis para um determinado fim. Read (1978, p.32) argumenta que “a cerâmica é ao mesmo tempo a mais simples e a mais difícil de todas as artes. A mais simples, por ser a mais elementar; a mais difícil por ser a mais abstrata”. São ainda necessárias técnicas mais específicas da escultura em argila, pois dessas formas, o que muito se usa esculpir, são as formas abstratas. Para esse autor, arte abstrata pode ser uma forma de apresentar uma arte de forma livre da estética perfeita:

Não devemos temer a palavra “abstrato”. Toda arte é primeiramente abstrata. Pois o que será experiência estética, quando limpa dos seus ornamentos e associações acidentais, senão uma resposta do corpo e do espírito humano a harmonias inventadas e isoladas? A arte é uma fuga do caos. É movimento ordenado em números; é massa encerrada em medida; é a indeterminação da matéria em busca do ritmo da vida. (READ, 1978, p. 23)

Embora por mais vontade em produzir alguma peça que possa ser agradável esteticamente aos olhos, ou que possamos entender uma obra de arte mais profundamente, às vezes nos foge ao entendimento mesmo nos aprofundando nos estudos em arte, pois, de acordo com Read (1978, p. 22), “a arte não é a expressão em forma plástica de qualquer ideal particular: é a expressão de qualquer ideal realizável pelo artista em forma plástica”.

5.1 A cerâmica no território brasileiro

Segundo a fonte do site Anfacer, no Brasil, a cerâmica tem seus primórdios na Ilha de Marajó. A cerâmica marajoara tem sua origem na avançada cultura indígena que floresceu na Ilha. Estudos arqueológicos, contudo, indicam que a presença de uma cerâmica mais simples, ocorreu, ainda, na região amazônica por volta de 5.000 anos atrás.

A cerâmica marajoara era altamente elaborada e de uma especialização artesanal que compreendia várias técnicas: raspagem, incisão, excisão e pintura. A modelagem era tipicamente antropomorfa, ou seja, bastante primária, embora ocorressem exemplares de cobras e lagartos em relevos. De outros objetos de cerâmica, destacavam-se os bancos, estatuetas, tangas, colheres, adornos auriculares e labiais, apitos e vasos miniatura. [...] Mesmo desconhecendo o torno e operando com instrumentos rudimentares,

o índio conseguiu criar uma cerâmica de valor, que dá a impressão de superação dos estágios primitivos da Idade da Pedra e do Bronze. (www.anfacer.org.br)

Neste sentido, conclui-se que a tradição ceramista não chegou, então, ao Brasil com os portugueses ou veio na bagagem cultural dos escravos. Os índios aborígenes já tinham dominado a técnica do trabalho em barro quando Cabral ancorou com sua tripulação em terras brasileiras.



Ilustração 8 e 9 - Prato e Moringa - Cerâmica Marajoara
Fonte: www.gostofino.com.br

Por isso, os colonizadores portugueses, instalando as primeiras olarias não causaram nenhuma revolução, mas se estruturaram e concentraram a mão-de-obra adaptando as técnicas portuguesas às indígenas. O processo rudimentar dos aborígenes, no entanto, sofreu influências portuguesas com as instalações de olarias nos colégios, engenhos e fazendas jesuítas, onde se produzia além de tijolos e telhas, também louça de barro para consumo diário. (www.anfacer.com.br)

O uso do torno e das rodadeiras foi uma das mais importantes influências causadas pelo contato das técnicas portuguesas que se fixou especialmente na faixa litorânea dos engenhos, nos povoados, nas fazendas, permanecendo nas regiões interioranas, passando a fazer parte dos costumes diário dos índios. Com essa técnica que causou uma revolução na arte indígena, a simetria passou a fazer parte nas formas, aperfeiçoando mais os acabamentos, e diminuindo o tempo de trabalho na produção das peças. (www.anfacer.com.br)

A cerâmica, tanto de uso comum como artístico, é produzida hoje por toda parte, seja em grandes estabelecimentos, ou por pequenos artesãos. Os sistemas

são fundamentalmente os mesmos, mas é inegável que a experiência técnica adquiriu tamanha perfeição, que permite resultados extraordinários.

A cerâmica, hoje, extrapola o dia a dia para auxiliar na área científica: na medicina, vem sendo utilizada na prótese de ossos e dentária; na pecuária australiana, reveste os *chips* que injetados dentro do animal, possibilitam uma contagem mais precisa e segura; os dentistas, nas obturações; algumas empresas fabricam facas com lâminas de porcelana; é ainda o material utilizado quando existe a necessidade de um produto resistente a altas temperaturas, como é o caso do trem bala no Japão, onde a cerâmica é colocada nos trilhos. (www.anfacer.org.br)

Um tipo de cerâmica, que embora caída no esquecimento e que se destaca como técnica rústica e que foi pioneira no uso do torno foi a cerâmica *Saramenha*. Acredita-se que em alguns vilarejos de Minas Gerais, por volta do século XVIII, surgiram olarias de louças domésticas que foram desvalorizadas pelo povoado. Segundo os relatos publicados por Dalglish (2006), as lindas formas fabricadas apresentavam fragilidade em seu uso, por serem revestidas por uma fina camada de verniz, quebrando-se com facilidade e que imitavam as cerâmicas portuguesas.



Ilustração 10 e 11 - Cerâmica Saramenha - Século XVIII
Fonte: imagensdofuturo.blogspot.com

A Cerâmica Saramenha era influenciada pela cerâmica portuguesa fabricada aos redores de Ouro Preto, até o final do século XVIII. Segundo Dalglish (ibidem), a Cerâmica Saramenha era queimada em baixa temperatura, em tons de cor amarelo ouro e avermelhado, tendo um teor de chumbo altíssimo para baixar o ponto de fusão do esmalte que era aplicado. Era uma cerâmica utilitária, sendo produzidas em forma de potes, jarros e pratos. Por ser uma cerâmica de baixa

qualidade, talvez seja esse o motivo de tão pouca referência de pesquisa.

5.2 Processo de Produção – queima

No site do ⁴SEBRAE além do histórico semelhante apresentado anteriormente, encontra-se também o processo de manuseio na fabricação da cerâmica, como segue. O primeiro processo é a escolha de uma boa argila, que após selecionada, na eliminação de impurezas, pode evitar quebras e defeitos durante etapas da queima, que resultará numa cerâmica de qualidade, com baixa perda de produção.

O próximo processo se vale da moldagem, se utilizando de várias técnicas, como o torno, (manual ou elétrica), como também rolinhos e cilindros. De qualquer modo, são as mãos e a criatividade do artesão que criarão as peças.

Depois que as peças estiverem prontas, é preciso que elas sequem naturalmente por um período, que, dependendo da função, do tamanho e do peso de cada peça, passam a depender, também, da temperatura do ambiente e do grau de umidade do ar. Esta etapa é importante, pois se as peças não estiverem devidamente secas, podem quebrar se forem para o forno.

Algumas técnicas utilizam apenas uma queima e outras, duas queimas, a primeira para formar o biscoito (a peça “cozida”), pronto para ser lixado e esmaltado e, se for o caso, levada para a segunda queima; a principal vantagem da segunda queima, realizada em temperaturas mais altas, é o aumento da resistência final das peças. Existem dois tipos de cerâmica, a cerâmica de alta temperatura (também conhecida como stoneware; embora possa ser chamada de “irmã” da porcelana, é mais grossa e sua cor pode ser cinza, rosada ou creme), e a cerâmica de baixa temperatura (como diz seu nome, ao contrário da cerâmica de alta temperatura, ainda não está sinterizada; pode ser branca, mas é mais freqüente na cor típica vermelha).(www.sebrae.com.br)

Segundo o site do Sebrae, existem muitos tipos de fornos, feitos de materiais e tamanhos variados, e que podem atingir temperaturas mais altas (cerca de 1200 a 1300 graus centígrados) ou mais baixas (cerca de 900 graus) de acordo com as fontes de energia usadas, como GLP, (também conhecido como “gás de

⁴ Agência de Apoio ao Empreendedor e Pequeno Empresário. Atividades e recursos colocados à disposição do empreendedor e do pequeno empresário brasileiro.

botijão”), eletricidade, lenha e carvão.

Para os pequenos ceramistas os fornos de barro que usam lenha ou carvão como combustível, são os mais convenientes. No uso desse forno, embora seja de fácil acesso a estes combustíveis, o Sebrae faz um alerta a este sistema, pois é uma questão que causa duplo impacto ambiental: pela extração e pelo uso irregular de lenha para alimentar as queimas de cerâmica; e porque o resíduo dessa queima (as cinzas resultantes) é altamente tóxico e, se despejado no solo ou em rios, causará danos sérios e permanentes ao ambiente. (www.sebrae.com.br)

A qualidade do barro utilizado, associada às altas temperaturas de queima em forno à lenha, terá como resultado um acabamento fino e de alta qualidade. “Ao final de cada ciclo de moldagem/secagem/esmaltação e queima, a qualidade e o acabamento de cada peça proporcionam ao artesão um novo aprendizado, de onde ele extrai novas formas para melhorar a qualidade e assegurar o melhor resultado para seus produtos”. (www.sebrae.com.br)

6 A LINGUAGEM DA ARTE E NA ARTE DA CERÂMICA

Quando fazemos a descrição de um objeto para relatarmos a alguém o modo de como estamos vendo esse objeto, estamos fazendo uma leitura, que pode ser uma leitura verbal, ou uma leitura não verbal, através de imagens, de som e de gestos. Cada objeto representa uma linguagem diferente, mas que também pode apresentar uma linguagem de época. Assim acontece na cerâmica. Desde os tempos primordiais, é identificado nas cerâmicas, as épocas relativas aos anos em que ela foi produzida, pois cada uma apresenta em si particularidades carregadas de representações culturais.

As proporções que compõe os objetos, também foram motivo de discussões entre os filósofos gregos. Percebe-se uma grande ligação entre arte e filosofia, no sentido da compreensão do belo, da estética, e da harmonia. Read (1978), confirma esse pensamento com o relato seguinte:

Desde os primeiros tempos da filosofia grega, os homens tentaram encontrar na arte uma lei geométrica, pois se a arte (por eles identificado por beleza) é harmonia e a harmonia se deve a observação de proporções, pareceria razoável supor fossem fixas tais proporções. (READ, 1978, p. 24)

É nas combinações de elementos que uma obra de arte se constitui. Segundo Read (1978, p. 47), “os elementos se correlacionam; combinando-se para formar uma unidade de valor maior do que a simples soma desses elementos”.

Segundo Ostrower (1985, p. 219), “as possibilidades que temos de representar o que pensamos através de alguns materiais são sugeridas naturalmente pela própria forma que este objeto se apresenta, revelando sua linguagem”.

Ao gerarem suas próprias formas de desdobramento, as matérias dão origem a *linguagens*, cada qual com suas específicas formas expressivas. Assim, as formas de madeiras talhadas pelo marceneiro, constituem uma linguagem, os detalhes de uma cadeira tornando-se expressivos não só em termos funcionais mas de toda uma visão do mundo. Pintura, gravura, escultura, música, dança, teatro, literatura, [...], todas são linguagens específicas. Cada uma usa as formas características de sua matéria no sentido simbólico das linguagens: transmitindo significados. (OSTROWER, 1985, p. 219)

Ostrower (1985, p. 219), ainda conclui que “só podemos criar algo dentro da especificidade de uma determinada matéria e tendo o pleno domínio de sua linguagem”.

Entender a linguagem da cerâmica é compreender o meio no qual a cerâmica está inserida, ou seja, no atual espaço onde está se fazendo entender essa linguagem. Segundo ⁵*Jussara Miranda Guimarães*, “por se tratar da linguagem, é preciso conhecer os elementos de comunicação. O mundo poder ser entendido a partir dos sistemas de coisas, diferentemente da arte, ou outra linguagem qualquer, que é um sistema de sinais”. Guimarães (2005), argumenta ainda que “a linguagem é uma espécie de tradução do sistema de coisas – sem sentido - num sistema com sentido, sistema de sinais”. (GULLAR apud GUIMARÃES, 2005, p. 2).

Neste sentido, “a linguagem da cerâmica manifesta-se pelo material utilizado que é a argila. A argila valorizada pelo que ela é enquanto matéria, sem estrutura, ganhando forma pela ação das mãos e dedos dos que a tomam com intuição de transformá-la em objeto” (GUIMARÃES, 2005, p. 3).

Mesmo que nossos olhos estejam habituados a ver a realidade como ela é, frente aos objetos de arte é preciso antes de tudo ter certos conhecimentos das linguagens visuais para a compreensão de um trabalho, assim como se faz necessário, quando, ao visitarmos uma exposição ter uma prévia do conhecimento sobre o artista e suas obras.

⁵Natural de Porto Alegre, JUSSARA MIRANDA GUIMARAES (1948 - 2011), professora da UNESCO desde do ano de 1975, atualmente lecionava no curso de Artes Visuais, que ajudou a fundar na instituição. Autora de várias exposições individuais e coletivas, nacionais e internacionais e premiada em Salões de Cerâmica. Mais detalhes de suas obras no blog www.studyopachamama.blogspot.com.

7 PRODUÇÃO ARTISTICA E ARTESANAL

Quando visualizei o bloco de argila, feito industrialmente para a fabricação de tijolos, considerei a matéria prima excelente para uma intervenção artística. O bloco de argila, contendo quatro lados, sendo que dos dois lados do mesmo bloco, continham marcas próprias da técnica na fabricação do tijolo. Lembrei da fundamentação teórica do TCC, ao qual eu poderia fazer relações neste bloco. Minha imaginação me levou a trabalhar as transições da arte nos fatores da história da arte relacionando-a com minha pesquisa qualitativa.

Neste sentido, para explicar a obra em si, apresentamos em um dos lados representações com marcas de desenhos pré históricos e símbolos, juntamente com pedaços de artefatos de cerâmica e pedras.



**Figura 12 – PRODUÇÃO DE ARTE –
Acervo Pessoal do Pesquisador**



**Figura 13 - PRODUÇÃO DE ARTE –
Acervo Pessoal do Pesquisador**

Em outro lado do bloco, seguindo o curso da história, no período moderno, a Revolução Industrial, simbolizado por engrenagens de máquinas (fig 13), feitos em argila, dando menção do significado dos fatos industriais que influenciaram este período.

Aproveitando o ensejo da própria peça, as janelinhas que representam as aglomerações de pessoas em um mesmo local, o êxodo rural, para servir de mão de obra na indústria.



Figura 14 e 15 – Produção de Arte
Fonte: Acervo Pessoal do Pesquisador

A escolha da matéria prima, como a argila, me proporcionou infinitas possibilidades de trabalhar as formas. As linhas que se apresentavam eram essenciais para a construção da ideia. A linguagem representativa através de pequenos símbolos fixados ao corpo da obra traz ligações com épocas distintas na história da arte. Os signos também fazem parte da linguagem, que neste caso procurei usá-los como forma de representação. E neste conjunto de representações e significados, eis que surge uma peça única, artística, feita a partir de estudos e reflexões, usando de uma linguagem simples buscando uma simetria dentro dos padrões estéticos da arte e da cerâmica.



Figura 16 - PRODUÇÃO DE ARTE

Fonte: Acervo Pessoal do pesquisador

Esta obra, como resultado da minha pesquisa, nasce da interferência de um bloco de argila feito no processo de extrusão da olaria para a fabricação de tijolos, com mais ou menos 40 cm de altura por 15 cm quadrado, pesando entre 4 a 5 quilos. Na informalidade da construção essa foi a solução encontrada, por mim e por minha orientadora, a artista e professora Jussara Miranda Guimarães, uma das formas específica de apresentar meu trabalho, pois como diz Read (1978, p.69), “ a forma na arte é a aparência dada a um artefato pela intenção e pela ação humana”.

Minha intenção enquanto acadêmico do curso de Artes Visuais, é entender os meios que me são proporcionados, tanto pela pesquisa como pelo fazer a obra artística. Neste caso, sempre ficam os questionamento referente ao fazer arte para ser arte. E como todo artista é também um pouco de filosofia, embora não filósofo, fica a certeza da intenção de levar o observador a uma reflexão na história da arte. Trazendo o pensamento de Chiti (1991), afirmando que uma obra artística se apresenta como arte sempre quando há pensamentos, caso contrário não se poderá considerá-la arte dentro da atual conjuntura estética da arte, ele esclarece:

⁶ Artístico es todo aquello donde hay pensamiento...” Ello significa que todo hecho artístico auténtico, para serlo, debe ser capaz de conscientizar, de elevar el nivel de conscienciación de la realidad. (...) Ser artista es pues, de acuerdo com esta definición, ser capaz de crear diferencias. Si una obra no lleva implícito um elemento de conscienciación, si no tiene o no conlleva pensamiento, no poderá ser considerada artística dentro de la dinámica estética de la actualidad. (CHITI, 1991, p. 18)

Mas no trabalho teórico também apresentamos o artesanato, com seu conceito e sua posição dentro da história da arte. Para tanto, foi uma questão de coerência apresentar este trabalho enquanto artesanato junto a produção da obra, mesmo sendo considerado indispensável como forma de um trabalho conclusivo na reta final do curso de Artes Visuais. Ambos os trabalhos tiveram suas queimas realizadas no ateliê de cerâmica da UNESCO, entre os meses de maio e junho de 2011.

Dentro dos conceitos de artesanato, este trabalho consiste em mostrar um vaso de cerâmica com 40 cm de altura e com 20 cm de diâmetro de base inferior e

⁶ Tradução: “Arte é todo aquilo onde há ideia...isso significa que todo feito artístico autêntico, para sê-lo, deve ser capaz de conscientizar, de elevar o nível de consciência da realidade.[...] Ser artista, é pois, de acordo com esta definição, ser capaz de criar. Se uma obra não leva a refletir, se não eleva o pensamento, não poderá ser considerada arte dentro da dinâmica estética da atualidade”. (CHITI, 1991, p.18)

40 cm na base superior, produzido em torno elétrico e que após a cura da argila (secagem), foi feito duas queimas, a segunda após a aplicação do engobe.



Figura 17 e 18 – Produção Final em Artesanato
Fonte: Acervo Pessoal do Pesquisador

Nele está aplicado símbolos feitos em riscos dando um aspecto trabalhado e com acabamento estético na peça. Enfim, eis o que apresento como resultado de minha pesquisa e como aprendiz da arte culta.

CONCLUSÃO

Ao término desta pesquisa, percebi o quanto cresci em minhas descobertas. Cada autor sintetizando um pensamento sobre pontos da arte, são descobertas diferentes, embora ainda que se tenha uma pequena dimensão de cada assunto estudado. Acredito ter alcançado o objetivo: demonstrar que é possível sim, a arte nascer do esboço artesanal. Pois em cada autor encontrado, os fragmentos do objetivo iam se revelando.

A disciplina de Antropologia Cultural, optativa dentro do semestre, trouxe a compreensão de que podemos entender o presente desvendando o passado. Fato é que a cerâmica foi se desenvolvendo e se aprimorando, tanto artesanalmente como industrialmente. Assim, a pesquisa foi demonstrando, que há na argila, muitas possibilidades de criar e de transformar em objeto de arte, um material maleável e ao mesmo tempo tão complexo quanto a argila, como comentado por Read (1981). Neste sentido, menciono a grande riqueza que é o trabalho com cerâmica, base de minha pesquisa enquanto acadêmico de Artes Visuais.

Através da cerâmica, foi que surgiu a pesquisa, com a questão: uma obra artesanal em cerâmica pode vir a ser uma obra de arte? Agora eu posso dizer que sim. Esta resposta eu afirmo, porque vivenciei cada passo do meu projeto, da construção da minha obra, do meu artesanato, fazendo uma ligação com base científica. Uma obra de arte nasce de uma pesquisa histórica, fundamentada por sentimentos do artista, pela sua percepção e pela sua capacidade viva de buscar um diálogo com sua criação. É como se a obra fosse criada do nada, e que não fosse usado de subterfúgios materiais para que ela existisse. Cada obra produzida é como um pedaço do sentimento do artista. A obra que nasce, nasce das profundezas da alma de cada artista, é por isso que são contempladas por tantos, e é por isso que não são compreendidas muitas vezes, pois só pelo sentimento e que podemos entender a dimensão do quanto uma obra possa ser bela. Como diz Chiti (1991), ao afirmar que uma obra de arte existe quando há sentimento, quando há pensamento.

Cada processo de criação se dá em etapas, com possibilidades de transformação na busca da perfeição, do belo. Como Ostrower (1985) descreve que é possível utilizarmos nossa própria experiência de vida como fonte de inspiração, é que de fato me assegurou a confiança na elaboração da obra aqui apresentada.

Muitos artista de renome, utilizaram a argila como matéria prima em suas esculturas. E hoje é considerado arte? Porquê? Porque a arte é feita com a intenção de estimular os sentidos, bem como transmitir emoções e idéias, por este motivo é muito importante para o desenvolvimento psíquico e das relações humanas.

A ideia é que valoriza o objeto como arte, enquanto que objeto artesanal surge de outro objeto, como se fosse uma cópia, ou que serviu de modelo ou inspiração para a sua confecção.

Acredito, no entanto, que é necessário ter um profundo conhecimento técnico sobre tais materiais para que possam se combinar e usá-los para transformá-los em arte.

Afinal, o que seria da arte se não houvesse tantas dúvidas em relação a própria arte? Assim podemos dizer que a arte para ser o que ela é, tem como fase, o artesanato. Um se completa no outro. Porque atrás de obras artísticas, existe também uma grande demão artesanal.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE , Mário de. **O artista e o artesão. Aula inaugural dos curso de filosofia e historia da arte.** 1938 - Disponível no site www.eba.ufm.br – acesso em 20/04/2011

ARANHA M. L. A. , MARTINS M. H. P. **Temas de filosofia.** São Paulo : Moderna, 1992.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** São Paulo: EDUSP, 1997.

CHITI, Jorge Fernandez. **Estética de la Nueva Imagem Ceramica y Escultorica.** Buenos Aires (Argentina), Ediciones Condorhuassi, 1991.

COLI, Jorge. **O que é arte.** 8. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990, 136 p.

COTRIM, Gilberto. **História Geral – Brasil e Global.** São Paulo,Ed. Saraiva, 1997.

DALGLISH, Lalada. **Noivas da Seca: cerâmica popular do Vale do Jequitinhonha.** São Paulo: editora Unesp, 2006.

DEMPSEY, Amy. **Estilos, escolas e movimentos.**(Trad: Carlos Eugenio Marcondes de Moura); São Paulo, Cosac & Naif, 2003

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: o minidicionário da língua portuguesa.** 6. ed. rev. atualiz. – Curitiba: Positivo, 2004.

GUIMARÃES, Jussara Miranda. **A Relação entre Linguagem da Cerâmica artística e Industrial.** (Artigo) Criciúma, 2005

História da cerâmica - disponível em www.anfacer.org.br - Acesso em 17/04/2011

NETO, Eduardo Barroso. **Identidade Cultural e Artesanato.** www.portaldigital.com.br/~barroso, 2000.

NUNES, Benedito. **Introdução à Filosofia da Arte.** 2º edição. Editora Ática. São Paulo, 1989.

O processo de produção - disponível no site www.biblioteca.sebrae.com.br – Acesso em 17/04/2011

OSTROWER, Fayga. **Acasos e Criação Artística.** 2º ed. Rio de Janeiro, ed Campos, 1985.

PROENÇA Graça. **História da Arte**. Editora Ática, São Paulo, Ed. 17, 1997.

READ, Herbert. **As origens da Forma na Arte**. 2º Ed. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1981.

READ, Herbert. **O Sentido da Arte: esboço da história da arte, principalmente da pintura e da escultura, e das bases dos julgamentos estéticos**. 6ª edição, São Paulo, ed. Ibrasa, 1978.

SALLES, Cecília de Almeida. **Gesto inacabado: Processo de Criação Artística**. 2º ed, São Paulo, FAPESP, ANNABLUME, 2004

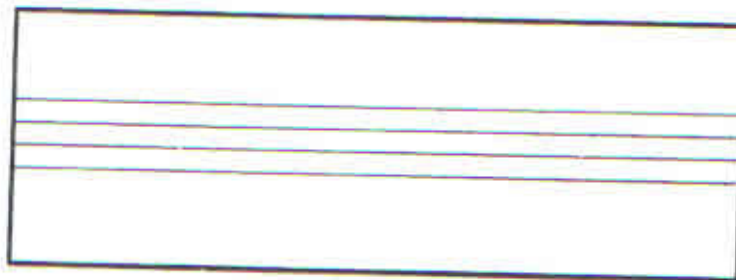
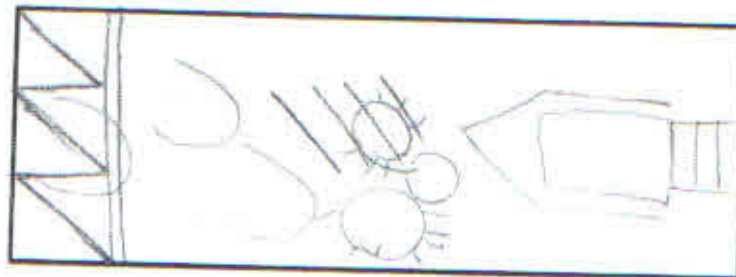
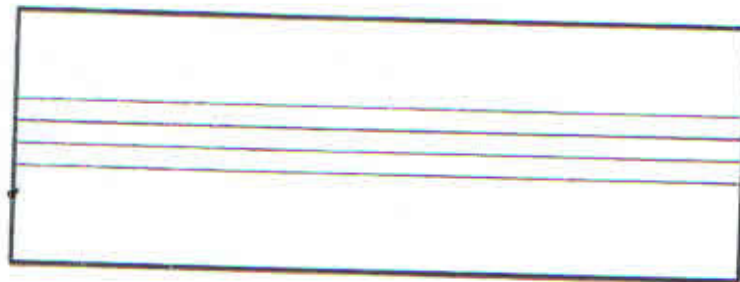
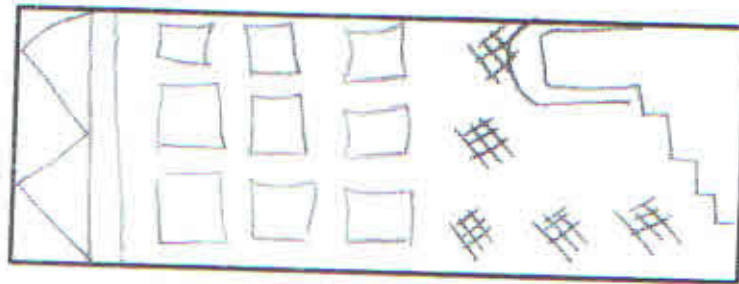
Victorino, Paulo – **A materialização do Universo pelas mãos do artista**. Disponível em www.pitoresco.com.br – acesso em 25/04/2011

(Anexos)
Projetos em desenhos das obras

Desenho do vaso em cerâmica.



Desenho do projeto da obra artística.



Desenho do projeto da obra artística

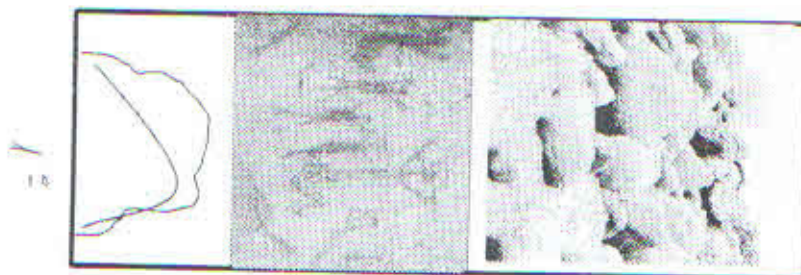
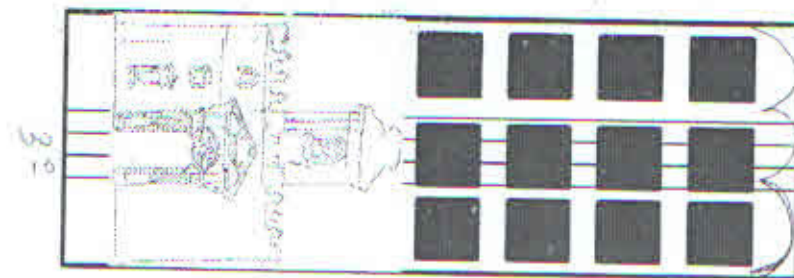
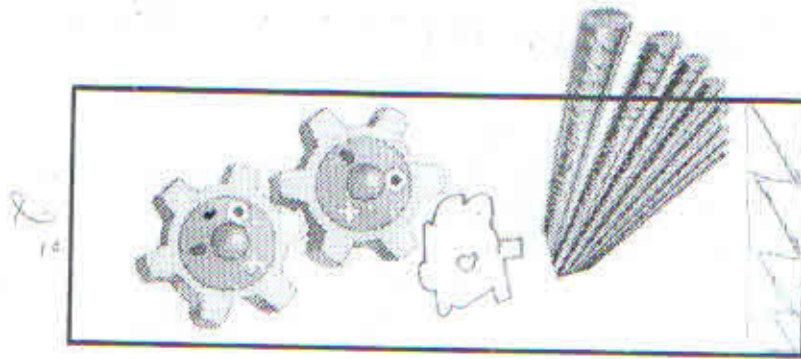
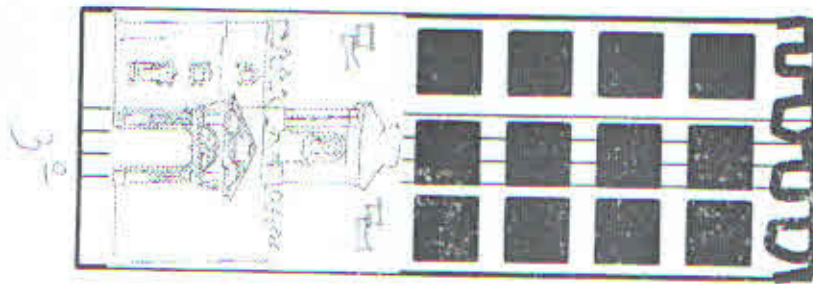


Imagem da obra de arte

Composição da obra de arte

Formas da obra de arte



**Figura 19 - Anjo Construtor - Motivo pelo qual surgiu o problema da pesquisa.
Fonte: Acervo Pessoal do pesquisador**